

RESISTÊNCIA, IDENTIFICAÇÃO E MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO-NORDESTINO

Victor Matheus da Silva¹

Comumente, observamos representações do nordestino que o ligam à figura do sertanejo, seja em buscadores como o *google*, textos impressos, imagens e textos literários. Na rede social Facebook, por exemplo, existem perfis e grupos de nordestinos que discutem tal temática, representando-se como heróis. Muitas vezes, seus discursos são dizeres já sedimentados socialmente, porém outras vezes os sujeitos tentam modificar esse imaginário sobre o nordestino como povo sofrido, pouco instruído, assumindo, assim, um gesto de resistência a esses discursos.

Considerando tais dizeres, este trabalho partiu dos seguintes questionamentos: Como a mídia e, em especial as redes sociais, tem representado o sujeito-nordestino? Como esse sujeito se representa e é representado pelo outro no discurso midiático? Sua imagem está sempre associada à pessoa sofredora ou com pouco estudo? Representa-se ou é representado como herói?

Para a seleção do corpus, primeiramente, formamos o arquivo empírico (coleta de discursos que tematizaram a questão do resultado das eleições, com foco para a responsabilidade dos nordestinos pela reeleição de Dilma Roussef) e, a partir dele, selecionamos sequências discursivas mais representativas das regularidades encontradas nesses discursos, a fim de analisar o funcionamento do discurso sobre os nordestinos nas redes sociais. Depois da construção desse arquivo, foi realizada a identificação e seleção de sequências discursivas (SDs) significativas para responder aos nossos questionamentos. A seguir, procedemos a construção de uma metodologia de análise das sequências já selecionadas, pautadas pela perspectiva da AD, com vista às discussões teóricas e sua aplicação ao *corpus* coletado.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras/Espanhol pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ em Análise do Discurso, orientado pela Prof.^a Dr.^a Evandra Grigoletto.

Para analisarmos como funcionam a resistência e a memória no discurso do/sobre o sujeito-nordestino, partiremos, agora, para uma breve análise de algumas SDs selecionadas:

SD1²: Sr^a G. *se eu ver um cangaceiro nordestino fdp aqui em sp eu mato.*
Nordestinos sofrem preconceito na internet após vitória de Dilma:
<http://migre.me/muBHt>

SD2: R.N. *E ainda há nordestinos que adoram valorizar OUTRAS CULTURAS! **Eu moro no RJ e nunca abandonei as cores do Leão do Norte.** Salve Pernambuco! Salve meu Nordeste!*

Em SD1, temos um texto extraído do Twitter e publicado na página do Jornal do Comércio no Facebook. Tal matéria foi intitulada “**Nordestinos sofrem preconceito na internet após vitória de Dilma**”. Diremos, por questões metodológicas, que esses discursos contra os nordestinos estão inscritos na FD do preconceito aos nordestinos. Inserindo seu dizer nesse domínio de saberes, esse sujeito, poucos minutos após o resultado das eleições, discursiviza sua insatisfação com a vitória da candidata do partido dos trabalhadores (PT) e culpa os nordestinos pelo resultado, chamando-os de “cangaceiro nordestino fdp”.

Ao atribuir essa designação ao povo nordestino, a internauta paulista - que teve seu comentário recortado do twitter para ilustrar a matéria do Jornal do Comércio que tematizava a questão do preconceito sofrido pelos nordestinos após a eleição de Dilma - generaliza e caracteriza todos os nordestinos como cangaceiros. Com isso, lineariza em seu discurso a memória da figura do cangaceiro³, figura contraditória relacionada à história do Nordeste, generalizando um povo em torno de uma designação. Nesse caso, o sentido de cangaceiro remete ao efeito negativo, o do bandido. Então, além de chamar os nordestinos de bandidos, xinga-os de filho da puta, *fdp*, e os “ameaça” de morte. Dá-se ênfase em um sentido, apagando as possibilidades de outros sentidos.

² Disponível em 17/12/14 no seguinte link: <https://www.facebook.com/jornaldocomercioPE/photos/a.305127089503462.95103.196984146984424/988397231176441/?type=1>

³ A figura do cangaceiro é recorrente na história da região Nordeste. Esses grupos de homens andavam armados em bandos pelo sertão nordestino, exercendo suas próprias leis, saqueando uns, ajudando outros no início do século XX (cf. <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/cangaco.htm>). O imaginário sobre o que foi o cangaço ainda hoje é recorrente, sendo o cangaceiro herói para uns; bandido para outros.

Essas matérias, em grande parte, sugeriam que os xingamentos, preconceitos etc, poderiam ser denunciados, porém, nos comentários, houve diferentes formas de identificações, resistências, mostrando o atravessamento da memória nas discursividades que daí emergiram, como nos mostram as SDs 2, que responderam/comentaram a matéria de SD1.

R.N., na SD2, critica quem valoriza outras culturas, pois, para ele, se deve valorizar a própria cultura, mesmo morando em outro Estado. Dessa maneira, o sujeito assume aqui uma posição de resistência aos discursos contra os nordestinos, não abandonando sua cultura e nem “as cores do Leão do Norte”. Além da resistência, aqui há uma identificação com a FD do orgulho de ser nordestino, que emerge nessas discursividades via memória, pois, no discurso, é regularizado a memória de que Pernambuco é conhecido como Leão do Norte⁴ por suas lutas históricas.

Da mesma maneira que há nesses discursos uma resistência ao preconceito ao nordestino, há também uma resistência aos discursos que justificam a vitória do PT pelos votos dos nordestinos e nortistas, que estariam agradecendo ou com medo dos cortes nos benefícios sociais.

Para Indursky (2013, p. 99), seguindo o pensamento de Pêcheux, a resistência se manifesta discursivamente, “na nova formulação, pela não-repetição exata da litania”, ao repetir de “modo errado”, produzindo um ‘desvio’”. Portanto, a deriva que ocorre no mecanismo da repetibilidade “não implica esquecimento nem apagamento, pois os sentidos com os quais houve desidentificação continuam a ressoar desde o interdiscurso juntamente com os novos sentidos.” (Idem, p. 101)

Através da memória, esses discursos são linearizados no fio do discurso, mas de formas diferentes, de acordo com a posição do sujeito e com a sua filiação a uma FD, via interdiscurso. De acordo com Indursky,

Os sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as *redes discursivas de formulação*, formada a partir de um

⁴ Das muitas batalhas travadas em Pernambuco em favor da liberdade e independência podemos citar a Batalha dos Guararapes, as revoluções dos Mascates, Praieira e a de 1817, além da Confederação do Equador. O leão representa a bravura do povo pernambucano, estando presente no Brasão do Estado de Pernambuco. (Fonte: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=115> em 03/01/15)

regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória. Tais formulações podem trazer o mesmo sentido e, nesse caso, produzem uma *relação de metáfora* em que *uma palavra é tomada pela outra, mas produzindo o mesmo sentido*, tal como ocorre em uma família parafrástica que funciona como uma *matriz de sentido*. [...] Vale dizer: se, por um lado, a repetição é responsável pela cristalização dos sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação / alteração. Ou seja, os sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz de sentido. (INDURSKY, 2011, p. 77)

Assim, pela repetibilidade, a matriz de sentido é parafraseada, e novas formulações vão sendo discursivizadas, fazendo o sentido deslizar e tornar-se outro. Então, a repetição tanto pode ser responsável pela sedimentação dos sentidos quanto por seu deslocamento. Nesse momento, é onde há um espaço para o sujeito se contra/des/identificar com um sentido ou outro e produzir seu dizer de acordo com a posição-sujeito que ele representa no discurso.

Esses discursos sobre os nordestinos, que funcionam também como discurso sobre o nordestino, em torno do cenário político da região trazem a memória de que o Nordeste foi anteriormente esquecido pelos políticos, mas que atualmente a região avançou bastante e foram políticos como Luís Inácio Lula da Silva e Eduardo Campos que favoreceram, nos dizeres de alguns sujeitos, esse crescimento, sendo eles de origens sociais diferentes, mas vistos como heróis para uns e vilões para outros.

Na relação entre sujeito e ideologia, Orlandi (2012, p. 230) reflete sobre a resistência, olhando-a a partir de suas vinculações tanto com a forma-sujeito-histórica quanto com a identificação do sujeito com uma FD, para afirmar que é justamente quando “o sujeito individua(liz)ado se identifica que pode haver ruptura”. A resistência emerge, então, nas falhas do ritual, mas a ideologia não cessa de operar e é por isso que a Pêcheux (2011, p. 114) interessa a “luta de deslocamento ideológica”, ou seja, essa possibilidade de pensar, a partir do funcionamento da ideologia, que ela é antes de tudo um local de “resistência múltipla. Um local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções.” (*Idem*, p. 115)

Nessas análises, observamos que, a partir de um efeito-fundador, várias discursividades podem surgir, e os sujeitos mobilizam esses dizeres de formas diferentes, de acordo com sua posição-sujeito e sua vinculação à forma-sujeito histórica que regula *o que pode e deve ser dito* na FD. Assim, a imagem do nordestino como herói também se materializa no discurso pela memória, mas é discursivizada de maneiras diferentes pelo sujeito em seu discurso, podendo, através da repetição, ter seu sentido cristalizado ou deslocado, como um gesto de resistência. A resistência ocorre nesses deslizamentos de sentidos pela falha no ritual da interpelação ideológica, via contra/desidentificação.

REFERÊNCIAS

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (orgs.) *Memória e História na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

_____. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. In: *Signo y Señal*, número 24, dezembro de 2013, p. 91-104.

MALDIDIÉ, D. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI e SARGENTINI (orgs.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

ORLANDI, E. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In: _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012, p. 213-234.

_____. (1982) Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. 2ª Ed., Campinas, SP: Pontes Editores 2011, p. 107 - 119.